

## **Pingos nos Is: A Inclusão Radical e a Comunicação Não Violenta**

Antes do início dos trabalhos em cada uma das pessoas que compôs a 1ª Conferência Internacional [SSEX BBOX] & Mix Brasil, os mestres de cerimônia e/ou mediadores, apresentavam os termos nos quais se dariam as falas dos convidados, seus debates e a participação da plateia: os da comunicação não violenta. Em todos os momentos do encontro eram ouvidas as seguintes palavras: “Para essa conferência estamos adotando o meio de comunicação não violenta, baseado nos princípios da não violência, um estado natural de compaixão que se dá quando a não violência está presente no coração. Além disso, não toleraremos nenhum tipo de agressão, física ou verbal, que será imediatamente anulada se ocorrida”.

O conceito recebeu uma mesa exclusiva para a abordagem de seus princípios, mediada pela psicóloga Sandra Caselato, que prestou consultoria para a Agência das Nações Unidas UNR-WA em Israel/Palestina, como treinamento em melhores práticas para funcionários na área da saúde psicológica; e mestre em relações internacionais Yuri Haasz, especializado em estudos de paz e resolução de conflito e que também já atou como consultor para o conflito Israel/Palestina.

Sandra começou explicando que o processo de comunicação não violenta foi criado pelo psicólogo americano Marshall Rosenberg como uma prática que ajuda a desenvolver uma expressão mais autêntica e honesta, e ao mesmo tempo em que busca uma atenção mais profunda, pautada pela empatia, de maneira que se torna possível tanto entender melhor o outro quanto sermos melhor compreendidos. Conceito esse que proporciona uma forma prática de lidar com conflitos, contribuindo para a dissolução de preconceitos e para o foco no que temos em comum, valorizando e celebrando as diferenças.

Yuri trocou essa definição em miúdos, acrescentando que a comunicação não violenta não se trata de falar “bonitinho, baixinho e com voz suave”, como colocou. “Não se trata de não responder à violência. Para mim, tem sido muito clara a conexão entre esse processo com tradições de existência não violenta, de desobediência civil, pacífica. Tradições antigas que tiveram início com ícones como Gandhi e Martin Luther King. Portanto, é muito importante sabermos que não se trata de algo que reduz as ferramentas de resposta que possam transformar, de forma proativa, esse próprio sistema”. E esclareceu também para a plateia o que vem a ser a chamada Inclusão Radical. “É no sentido de raiz mesmo, algum senso de humanidade que está lá no fundo, e que é possível servir como conexão por meio das diferenças – ou mesmo fomentar essa conexão por meio da diversidade”.

Após a primeira metade da mesa, que se centrou em exercícios interativos entre as pessoas da plateia, a mesa se abriu para o relato de experiência dos convidados: a DJ e MC Luana Hanses, produtora musical e atriz, cujo disco *Marginal Imperatriz* é um dos primeiros de rap a se levantar contra o machismo e a lesbofobia; Debora Baldin, formada em relações internacionais, militante feminista e LGBT, bissexual e integrante do Canal das Bee no Youtube([youtube.com/user/CanalDasBee](https://www.youtube.com/user/CanalDasBee)); Maite Schneider, uma das mulheres

transexuais de maior relevância no Brasil e atriz profissional; Michele Bittencourt, pessoa que nasceu em condição de intersex, lésbica, feminista, ativista pela igualdade de gênero e liberdades individuais e integrante do Partido Pirata de São Paulo; Nathália Caldeira, mulher assexual; e Danilo Dabague, publicitário, designer gráfico, ilustrador e criador da personagem Lorelay Fox.

A seguir, os principais trechos da fala de cada um deles – na ordem em que elas aconteceram durante a mesa:

Danilo Dabague

“Pelo que eu pude perceber aqui, a Comunicação Não Violenta se trata de humanizar mais os laços entre as pessoas. E isso é algo em que eu acredito muito, que eu trago no meu trabalho como artista – mais recentemente no meu trabalho nas redes sociais, no Youtube, onde eu trato de temas que fazem parte da vida de todo mundo. Mas às vezes a gente não tem tato para lidar porque a gente não humaniza, não traz mais para perto do nosso coração. E na verdade é algo muito simples de se fazer, basta dedicar um pouco de atenção, um pouco de carinho, com o próximo – como você dedica a si mesmo. Eu venho de uma família muito pequena – eu, meus pais e meu irmão, que também é gay. Um núcleo muito unido e que se aceita bastante. Posso dizer que sou uma pessoa com muita sorte. Fico até constrangido de falar em lugares como esse, porque eu sempre fui muito bem recebido como eu sou. É um peso muito grande saber disso, principalmente hoje que eu tenho contato com pessoas que sofreram tanto para serem aceitas. Sou uma pessoa privilegiada e me sinto constrangido a respeito disso. Faz dez anos que trabalho como drag queen, por exemplo, e essa é mais uma faceta de um lado artístico que sempre foi incentivado em casa”.

Debora Baldin

“Eu não sou uma comunicadora nem uma artista. Mas resolvi parar e pensar em como minha mensagem estava chegando nas pessoas. Eu posso dizer que essa questão da Inclusão Radical tem muito a ver com o trabalho do Canal Das Bee, a gente se propôs a isso desde o começo. Quisemos começar a falar de homofobia e descobrimos que o mundo era tão maior e tão mais cheio de bucha que acabamos nos tornando uma plataforma que dá espaço para as identidades sociais se unirem com o resto do planeta, porque ninguém sabe quem são essas pessoas. E isso dá muito trabalho. No modelo de sociedade que a gente vive, mesmo dentro do movimento social, existem identidades que são ouvidas e outras que não são. O que eu percebi é que, por um lado, existe uma parcela que tem um problema de comunicação, mas o que acontece na maior parte das vezes não é falha no diálogo, é um choque de interesses mesmo. Existem pessoas que não estão dispostas a abdicar de uma posição privilegiada na sociedade. E isso está dentro do movimento social, não apenas fora. O que existe são ‘minorias sociais’ mais ‘limpas’, mais ‘agradáveis’, mais ‘interessantes’, e outras que não são – e não são para o próprio movimento social. E o que tem sido muito difícil nesse nosso trabalho é fazer caberem nas discussões a pluralidade e as singularidades de cada identidade social. Nesse processo, a gente aprendeu a entender que as instituições da nossa sociedade moldam boa parte do nosso imaginário – seja o Estado, a Igreja e por aí vai. E

as pessoas do movimento social sabem exatamente onde pega cada instituição dessas. O que a gente verifica é que a luta por direitos é também uma disputa por hegemonia de ideias, e tudo depende do quanto a gente avança e do quanto retrocede. Dentro disso, na medida em que a gente retrocede, as pessoas entendem que massacrar determinado grupo social é correto”.

Luana Hansen

“Dentro do movimento, eu sofri todo o tipo de preconceito. Quando eu tinha 16 anos, apanhei de 15 caras, na periferia, e fiquei duas semanas mijando sangue por conta dessa violência. Depois que entrei no hip hop já apanhei várias vezes de vários caras – isso sem contar os boicotes como quando, faz pouco tempo, eu ia participar de um show e quando chegou minha vez o equipamento todo estava desligado. Então, acontece muito esse tipo de preconceito, que muitas vezes é velado, porque o que acontece comigo não acontece com outro MC, porque eu sou uma lésbica ativista, feminista, e uso a minha música totalmente para falar dessas mazelas. Eu sempre achei que a minha música não era violenta, até ser agredida tantas vezes pela internet. Eu, que justamente escolhi a música, a arte, uma forma não violenta, para passar as mazelas do que acontece na minha sociedade, na minha periferia. Eu não quero atacar ninguém, mas um vídeo meu no Youtube que tem 70 mil views, de 400 comentários eu sou xingada em 300. Para ser sincera, faz pouco tempo que eu fiquei sabendo que existem mais letras do que o LGBT, porque na favela, na periferia, a gente não está nesse ponto ainda. É muito difícil explicar o que é o queer lá, por exemplo. E a gente está lá tentando. Dentro do movimento hip hop a gente tem o Tiely Queen, que é um homem trans, e sócio fundador do Hip Hop Mulher, e dentro do movimento hip hop tem muita gente criticando o fato de ele ser o fundador do Hip Hop Mulher, esquecendo a história dele de quase 20 anos desse trabalho. Tem um monte de mulher, um monte de gente, criticando. Só que ele está num lugar que foi ele que criou. Por isso eu digo que, hoje, não tem como eu ser legal no movimento hip hop, não tem como eu ser simpática, se hoje eu sou agressiva no que eu falo é respondendo a todas as agressões que eu já sofri no próprio hip hop. Eu tenho 15 anos de estrada e não consigo o mesmo reconhecimento de um MC gay que começou ontem. Eu queria que as pessoas pensassem um pouco porque uma negra lésbica da periferia que produziu seu próprio estúdio – porque eu só conseguir colocar meu CD na rua depois que eu radicalmente banquei manter meu próprio estúdio na favela, fazer tudo sozinha, produzir as bases – não teve o apoio de ninguém do hip hop, ninguém me ofereceu ajuda. Até antes de eu ter meu estúdio, um homem trans nunca tinha gravado no hip hop. O que eu quero fazer é um trabalho de base, que é de onde eu veio. Eu ainda moro na periferia, piso no barro todo dia, estou hoje aqui cheia de sacolas porque vou passar a noite no aeroporto para ir à Brasil na Marcha das Mulheres Negras. E faço isso com muito orgulho, porque lá minha música vai ser cantada por 30 mil mulheres negras. Isso para mim é realização dentro do movimento hip hop. É esse o recorte que eu faço e vou continuar fazendo. Meu som vai continuar sendo político enquanto a polícia continuar entrando na minha casa no chute e sem pedir licença. Polícia masculina espanca mulher, eu já apanhei muito de polícia masculina porque fui traficante durante 20 anos da minha vida. Hoje eu estou aqui depois de usar muita pedra de crack na Praça da Sé, porque eu

resolvi mudar minha vida e ser diferente. Se não, eu iria ser simplesmente o que o Estado quer: a preta pobre da favela, uma estatística”.

Maite Schneider

“A comunicação não violenta sempre foi a forma mais acertada que eu encontrei de falar com as outras pessoas. E é interessante esse conceito também de Inclusão Radical porque eu sempre acreditei na radicalidade no sentido de raiz de alguma coisa, de ser a fonte de tudo. Eu só acredito na conversa, no diálogo, quando a gente consegue se conectar com a gente mesmo. O que é muito difícil porque qualquer descoberta, qualquer nascimento, é sempre muito complicado, por isso a gente cai no choro, por isso a gente grita. Parir é doído. Quando a gente topa esse mergulho dentro da gente mesmo, nem sempre acha só coisas que acha legais. A gente encontra mesquinha, egoísmo, futilidades, preconceitos. A gente vê que não é um ser humano tão iluminado quanto a gente pensa que é. Todo mundo é assim. E ok ser assim. Agora como a gente vai trabalhar isso é que é muito legal. Por isso falo dessa conversa, dessa comunicação não violenta, com você mesmo. Se você nunca fez isso, faça. Nunca é tarde. Você pode estar com 30 anos, 40, 50. É sempre o momento de fazer essa viagem. Eu só acredito na comunicação não violenta quando ela é feita com muita verdade. Mas a verdade só existe a partir do momento que você consegue ser você mesmo – independentemente de quem você seja”.

Michele Bittencourt

“Eu sou uma pessoa que nasceu na condição de intersex. Eu nasci com uma vagina atípica, meu clitóris era maior do que os médicos consideravam normal. Eles ficaram em dúvida se colocavam na minha certidão de nascimento se eu era menina ou menino. Fizeram alguns exames, descobriram que eu tinha útero, que eu tinha mais cromossomos X, e decidiram, em nome do que seria socialmente aceito, que eu deveria ser mutilada. Eles me submeteram então a uma cirurgia, na qual foi removido um pedaço do meu clitóris, para que eu me enquadrasse no que era considerado normal. Com um ano e meio de idade eles também removeram meus ovários, porque segundo os médicos os meus ovários não produziam hormônios femininos, o que futuramente iria me trazer problemas, como a possibilidade de tumores. Com mais ou menos 13, 14 anos, foi decidido que eu teria que ser hormonizada, para ter uma vida mais saudável, segundo os médicos. Tudo isso foi feito comigo para que eu me tornasse uma mulher heterossexual. Em nenhum momento alguém me perguntou se eu queria ser uma mulher, se eu queria me relacionar com homens, na verdade, ninguém nunca me perguntou nada. A minha família seguiu o que os médicos disseram. Os médicos acharam que meu corpo estava errado, que eu nasci errada, e que eu deveria ser enquadrada dentro da categoria mulher ou da categoria homem. Até hoje é muito dramático para mim falar disso. Mas eu acho que é algo que precisa ser falado. Existem algumas estatísticas que foram levantadas segundo as quais entre cerca de 1500 nascimentos, há o de uma pessoa intersex. Não é um número oficial, mas se a gente for pegá-lo como base, vemos como essas pessoas existem. Mas sempre que eu falo disso, eu pergunto se as pessoas conhecem alguém que tenha nascido nessa condição. E faço isso para saber o quanto estamos conseguindo sair dos nossos armários, eu até vejo um movimento nesse

sentido. Acho que estamos conseguindo agora espaço para falar sobre o que a gente passou e quem a gente é, sobre essa dificuldade de ter que ser enquadrado dentro de um papel de mulher ou de homem”.

Nathália Caldeira

“Uma pessoa assexual é geralmente definida como aquela que não sente desejo sexual por outras pessoas. Isso não significa que ela sinta por qualquer outra coisa que não sejam pessoas. Elas não sentem [*desejo sexual*] por pessoas e ponto. Não presumam nada a partir disso. Dentro do guarda-chuva da assexualidade, no entanto, existem pessoas que sentem atração em circunstâncias muito específicas, como as que se encontram na chamada área cinza, que se chama assim porque existe uma corrente de pensamento dentro do movimento – que ainda é LGBT – segundo a qual a melhor forma de representar a pluralidade das identidades, tanto sexuais quanto de gênero, seria usando a paleta de cores, porque teoricamente as matizes são infinitas. Sendo assim, se vocês pensarem que as pessoas assexuais são o branco e as pessoas asexuais (que é quem sente desejo) são o preto, o que existe no meio é o cinza. Então, se você não se encaixa entre quem não sente atração nunca e que sente na maior parte do tempo, você está na área cinza. Eu estou nessa área, sou demisexual. Isso não significa que eu sinta atração pela Demi Lovato e/ou por demônios – e, sim, eu já ouvi essas duas coisas. Ser demisexual significa apenas que eu posso sentir atração pelas pessoas com as quais eu tenha um laço emocional ou afetivo forte. Isso também não quer dizer que eu sinta atração pelo meu pai ou pela minha mãe. Por favor! Porque isso eu também já escutei. Assim como também não quer dizer que eu sinta atração por todos os meus amigos. É simples: se eu não tenho um laço afetivo significa que eu não vou sentir atração sexual por você. É só isso. Agora, isso também não quer dizer que eu nunca vá sentir atração por alguém com quem eu não tenha um laço afetivo. Assim como um homem gay pode sentir atração por uma mulher uma vez na vida, eu também posso sentir atração por alguém que eu tenha visto apenas uma vez ou duas. Mas uma coisa muito importante é que eu estou aqui falando de mim, da minha experiência. Por favor, não pensem que vocês já sabem tudo sobre isso. Se vocês vierem a conhecer outra pessoa assexual, escutem ela, a experiência dela pode ser totalmente diferente da minha. Usem a comunicação não violenta, ouçam em interrupção”.